



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envolto autorizado par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

25 de Maio de 1998 • Ano LIII — N.º 1362
Preço 30\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Festas

Tojal

- 26 de Maio — Domingo, 15.30 h, Auditório da Igreja Paroquial, RIO DE MOURO.
2 de Junho — Domingo, 15.30 h, Ginásio do Instituto D. Dinis, ODIVELAS.
6 de Junho — Quinta-feira, 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários, FANHÕES.

Setúbal

- 25 de Maio — Incrível Almadense, ALMADA.
31 de Maio — Teatro Aveirense, AVEIRO.
7 de Junho — Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense, AZEITÃO.
8 de Junho — MOITA.
14 de Junho — Sociedade Filarmónica Agrícola, PINHAL NOVO.
15 de Junho — Salão de Festas dos Salesianos (Estoril), CASCAIS.
21 de Junho — ALCOCHETE.
22 de Junho — Teatro Luísa Tody, SETÚBAL.
29 de Junho — Teatro José Lúcio da Silva, LEIRIA.

SEMPRE ÀS 21.30h

A Pobreza é o tema das nossas Festas de Setúbal

NÃO fosse o facto de sermos pobres, nunca elevaríamos os nossos rapazes à categoria de artistas, pondo-os no palco, diante de multidões, a enchê-las de alegria, admiração e júbilo, dizendo, representando, dançando. Eles, os pobres, elevam o mundo com a sua pobreza.

Quando o mundo civilizado proclama erradicar a pobreza, com o nosso espectáculo pretendemos dizer-lhe que só os pobres ajudam os pobres. Se quer verdadeiramente destruir o estado de pobreza de dois terços da Humanidade, a civilização ocidental terá que anunciar em primeira mão o espírito de pobreza a todos os homens. Sem esse espírito nada se construirá de positivo. No dizer do Padre Américo, feito de experiência, «o mundo edifica sobre bancos de areia».

A demolidora ciência dos ricos, ao serviço deles, nunca foi tão encantadora como agora. Ela constrói a chamada *sociedade de consumo* a qual embriaga a humanidade inteira. E... todos são vítimas!

O Padre Américo define o espírito de pobreza «como suficiência na comunidade».

Esta descrição nasce na sua consciência, iluminada por um profundo ensaio na vida e nos Pobres e uma clara reflexão na Fé e na História dela.

A devoção pela Pobreza é n'Ele uma verdadeira paixão.

Não foi por acaso que Jesus colocou esta virtude como a primeira força que torna o homem feliz!... A História dos homens e das Revoluções diz-nos claramente que só os Pobres levantaram as civilizações. A nossa Festa revela este mistério.

Padre Acílio



A nossa Aldeia em Maputo (Moçambique) continua a crescer

Trabalho Infantil

Problema muito complexo

AQUI perto, em Felgueiras, ocorreu a semana passada reunião de trabalho de um grupo recentemente criado para o combate ao trabalho infantil, que envolve representantes dos ministérios da Justiça, da Educação, do Emprego e da Solidariedade Social. Já agora, para mais completa interdisciplinaridade, não seria descabida a presença do ministério da Administração Interna que, necessariamente, terá o seu papel na execução das medidas que saírem de reuniões como esta.

Este conelho e outros, sobretudo no norte do País, andam nas bocas do

mundo por causa do trabalho infantil. E ainda que seja mais a fama que o proveito, bom seria que nem uma coisa nem outra tivessem qualquer fundamento.

Trata-se de um problema muito complexo, como é óbvio — e assim o classificou o Secretário de Estado do Trabalho que coordena este grupo interministerial. E exactamente porque complexo, as soluções têm de ser simples, na busca da eficiência dos meios que há; aliás nunca mais se chega a solução nenhuma.

A falta de pão...

O dinheiro, como sempre é o veneno, a fonte das tentações, a causa dos desvios — a pedra em que a vulgaridade tropeça. Por um lado o aprovei-

tamento da mão de obra barata; por outro, a oferta da mesma na sequência da magreza de rendimento de muitas famílias onde as pequeninas contribuições dos seus pequenos membros são um alento à melhoria de nível do passado familiar. Ainda aqui, porém, pode estar na base, mais uma deficiência económica e cultural do que uma intenção claramente exploratória, até da parte de quem dá trabalho para fazer o jeito a quem lho pede. Estamos na área da Justiça Social. Houvesse pão nas casas (às vezes nem a própria casa há) e não haveria a oferta do trabalho infantil nem a consequente oportunidade de o aproveitar. Sim, houvesse pão e não haveria problema.

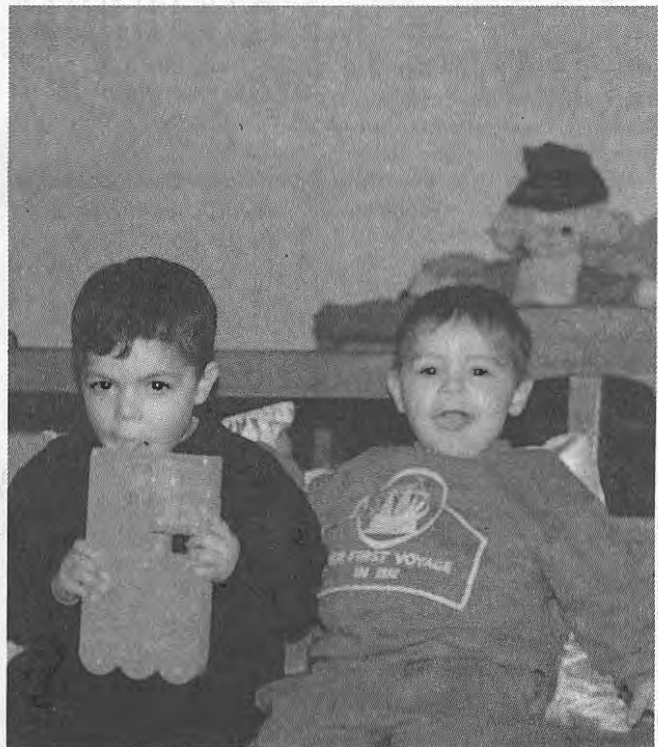
Continua na página 3

ENCONTROS em Lisboa

Ensino técnico-profissional

ESTÁ a terminar o ano lectivo. Para algumas turmas e, nalguns estabelecimentos de Ensino, fica a sensação de que o terceiro período já não é para estudar, atendendo à diversidade de propostas extra-escolares e ao elevado absentismo dos professores. Com essa perspectiva sucedem-se os casos de indisciplina e a Escola passou a não educar porque «o que é necessário é fazer o menos possível, o ano já está passado».

Com estes ingredientes e esta mentalidade, os nove anos de escolaridade e a escolaridade mínima tornam-se falsos alicerces de partida para a vida. As bases não ficam adquiridas nem consolidadas. Um ano escolar reduz-se a uns meros seis meses de trabalho efectivo, muitas matérias ficam por dar, criando sérias dificuldades para uma integração geral de



A Casa do Gaiato de Paço de Sousa substitui a família do Luís e do Pedro — dois irmãozinhos com histórias iguais.

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

DOENÇA DO SÉCULO

— O moço com sida já recebeu, em nome do pai, o subsídio oficial incluindo retroactivos desde o mês de Janeiro do ano em curso. Evidentemente, não é muito abonado, mas os mais necessitados aceitam tudo com o coração nas mãos.

Uma função do vicentino é motivar os Pobres a defenderem seus direitos e garantias como cidadãos. Se possível, por suas próprias mãos, conosco à rectaguarda.

No caso vertente, não fosse a prestimosa acção duma assistente social e a partilha dos nossos Leitores, como poderia este pai pagar medicação, viagens do filho ao Porto, tudo o mais..., só com a pensão de quarenta contos e procurando manter uma linha sem resvalar para a exclusão, a marginalidade!?

Eles dão o alerta quando esgotam a nossa ajuda... Para além do mais, ainda agora oferecemos uma saca com vários quilos de carne, dita *excedentes da CE*. O pai era um homem feliz, pois há muito tempo que não veria carne à sua mesa!

MIGRAÇÕES INTERNAS

— Estamos situados numa região intermédia que vai acolhendo gente do Interior, em busca de postos de trabalho no grande Porto.

Uma ou outra vez somos abordados a deitar a mão a casos desta ordem, alguns difíceis, ainda que pontuais. Neste momento, a um jovem casal oriundo das ravinas do Alto Douro, em aflicção para liquidar uma multa, não importa onde nem porquê. Aliviámos a carga para não se enterrarem mais. Então, suspiraram d'alívio — graças a Deus e aos nossos Leitores.

PARTILHA — «Avó dos cinco netinhos» — de Setúbal — com «pequena gota deste mês (Abril) para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, e todo o carinho e amor pelos Pobres».

Do assinante 42971, de Ovar, o cheque habitual, de cinco mil escudos, destinado aos «mais necessitados, por diversas intenções que Deus sabe». Basta que só Ele saiba! Recomenda: «Não precisam de agradecer».

De Lisboa, Rua Ferreira Borges, o assinante 10610 põe as contas d'O GAIATO em ordem e passa o remanescente (5.000\$00) «para a Conferência de Paço de Sousa».

Apenas mais uma peregrina — esta de há muitos anos — que traz um cheque empolado com retroactivos, desejando que «seja distribuído da forma do costume, pedindo orações pelos entes queridos que perdi. Considerem isso, peço de todo o coração» — sublinha a assinante 31104, de Lisboa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

TOYOTA — A firma Salvador Caetano, de Vila Nova de Gaia, a propósito dos cinquenta anos da Empresa ofereceu à nossa Casa uma boa furgoneta Hiace.

A útil oferta alegrou muito a comunidade que felicita a Salvador Caetano e agradece a lembrança tão oportuna.

ÁFRICA — O nosso Padre Baptista já chegou de Moçambique. Esteve na Casa do Gaiato de Maputo a substituir o Padre José Maria, que descansou poucos dias em Portugal.

Agora falta saber quando é que o nosso Padre Júlio regressa a Paço de Sousa.

FUGITIVO — O «Cacto» fugiu, em 11 de Maio, para casa da mãe, que já veio cá trazê-lo.

Ele sabe que, lá fora, não tem possibilidade de viver com a mãe — mas insiste sempre!

JAPÃO — No domingo, 12 de Maio, um sacerdote japonês celebrou a Eucaristia na nossa Capela com o nosso Padre Carlos que referiu a universalidade da Igreja.

Ficámos muito contentes porque nunca tínhamos visto, aqui, um sacerdote do Japão.



Carlos Mendes, foi o «Tirololóló» em nossa Casa de Paço de Sousa, casou com a Elisabete Mendes na igreja de Fânzeres (Gondomar).

Este é um responsável da Pastoral Operária nos países do Extremo Oriente, que participou no Congresso Mundial dos Trabalhadores Cristãos, realizado na Casa de Vilar — Porto.

SUSTO — O Sílvio estava na máquina de plastificar o GAIATO e, na brincadeira, ficou com a mão entalada.

Não aconteceu nada de grave, graças a Deus. Mas apanhámos todos um grande susto...!

ESCOLAS — No dia 16 de Maio, os rapazes da Escola Primária tiveram um passeio a Coimbra, ao Portugal dos Pequeninos, porque ficaram em segundo lugar

num concurso de presépios no passado Natal.

Boa viagem rapazes e professores!

ESTRAGOS — Seis dos nossos companheiros foram aos grilos e pisaram um bata-tal! O nosso Padre Carlos «ficou pior que estragado». Mas perdoou.

Sérgio Paulo Pessoa Nunes

DESPORTO — No dia 25 de Abril, na parte da manhã, recebemos um grupo de jovens de Estarreja. O jogo foi combinado com um antigo gaiato — o Rui.

O prélio foi num dia de festa e convívio no qual também participaram algumas raparigas. Resultado final: 5-5.

Na parte da tarde recebemos um grupo de jovens, do Porto. O jogo foi equilibrado. Resultado: 6-4.

No dia 27 de Abril houve uma reunião para os atletas elegerem os responsáveis pelo Grupo Desportivo da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Foram eleitos: o Mauro, que é chefe-maioral, e o «Cenoura».

Quando quiserem marcar jogos podem fazê-lo pelo telefone 055-752285 ou por escrito ao cuidado do Mauro ou do «Cenoura», Grupo Desportivo — Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa. Obrigado.

«Amarante»

BENGUELA

ESCOLA — Está a correr bem e estamos contentes. As aulas continuam, há três meses, sem problemas. Esperamos que não haja mais confusões e greves dos pro-

fessores. Assim, andamos entusiasmados. O nosso Padre Manuel tem-nos dito que aproveitamos bem o tempo. Às vezes, alguns atrasam nos estudos e é preciso andar à procura deles.

Temos ido à Escola sempre de carrinha. No regresso voltamos a pé. A nossa Aldeia fica perto da cidade. Quando alguém tem faltas procura o nosso Padre Manuel porque ele não quer faltas à toa.

Levantamo-nos às seis horas para o pequeno-almoço. Os estudantes são os primeiros a comer porque têm que estar cedo na Escola.

Já fizemos algumas chamadas escritas. Alguns tiraram boas notas; e outros, negativas. Dentro duma semana faremos as provas parcelares. Depois, serão as trimestrais.

O ano lectivo terminará em Dezembro, se não houver complicações.

Agostinho Graciano

Associação de Antigos Gaiatos e familiares do Centro

ENCONTRO ANUAL — Vamos reunir, em 16 de Junho. É bom reencontrar amigos. Algo nos chama aos locais onde passámos parte da nossa meninice e juventude. Reviver os momentos alegres, despreocupados e felizes, reconforta-nos e estimula-nos para enfrentar as dificuldades actuais.

Hoje corremos para o trabalho e deste para casa. Falta-nos tempo e disposição para dialogar com os Outros. Façamos um esforço. Quebreemos esta rotina. Reencontrando-nos para reviver amizades e factos que nos farão rejuvenescer.

O programa do encontro será idêntico ao dos anos anteriores. Contudo, desde já pedimos atenção para a alteração do almoço: será farnel partilhado. Faz-te portador dos manjares caseiros e com disposição para pormos uma mesa variada onde todos caibamos.

Não te esqueças de levar um contributo para a merenda dos actuais gaiatos.

Programa — 16 de Junho na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. 09.30h, concentração. 10.00h, Assembleia Geral. 11.30h, preparação da Missa. 13.00h, almoço. 15.00h, convívio nos recintos desportivos ou salões. 17.00h, merenda e despedida.

ASSEMBLEIA GERAL — No corrente ano, os órgãos sociais terminam o seu mandato.

A Assembleia Geral será em Miranda do Corvo, no dia 16 de Junho, às 10.00 horas. Caso não haja *quorum*, começará 30 minutos mais tarde com qualquer número de associados presentes.

Ordem de trabalhos:

— Apresentação do relatório e contas de 1994/96.

— Eleição dos órgãos sociais para o biénio 1996/98.

Para que te sintas representado nos órgãos sociais é conveniente que participes, exercendo os teus direitos de voto e/ou de ser eleito. Ninguém te substitui. Se não puderes estar presente o lugar ficará vazio. Pensa no futuro da nossa Associação. Disponibiliza-te para a dinamizar. Traz novas ideias. Candidata-te a ser eleito. Forma uma lista e apresenta-te a sufrágio na Assembleia. Estamos certos da tua presença e empenhamento. Queremos ver-te, abraçar-te, dialogar e conviver. Não faltes!

José Martins

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — A sala de jantar está em obras e nós mudámos cá para baixo, perto das camas. Agora, nas escolas, arranjam os canos de esgoto.

GADO — A cabra castanha deu à luz um cabrito branco, castanho e preto (malhado). Nasceu há duas quinzenas.

CATEQUESE — Os rapazes do 5.º ano têm Catequese às sextas-feiras, de tarde, às 17 horas. Os que fizeram o Crisma, no sábado, às 18 horas. Os nossos rapazes estão contentes por poderem comunicar com Jesus.

VISITAS — No dia 12 de Maio recebemos uma que veio de Aveiro. Amigos que vieram animar a santa Missa, às 10 horas da manhã.

ANIMAIS — O Osório e outro, apanharam uma caturra em 11 de Maio. A cor dela é espectacular: branco, cinzento, laranja, amarelo.

O nosso corvo ficou depeñado, no peito.

VINHAS — Foram sulfatadas já duas vezes, a do ti Jaime, a terra nova e a terra dos grilos.

LAR DE COIMBRA — Quase todos os fins-de-semana um café que abriu perto do Lar oferece-nos bolos e outras coisas que muito agradecemos.

«João Pequeno»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Fomos encontrar a D. Conceição muito sisuda e sem alegria. Ao fim de alguns

RETALHOS DE VIDA

Alexandre

O meu nome completo: Libério Alexandre Godinho.

Nasci em Vila Franca de Xira, ao pé do rio Tejo, no dia 3 de Setembro de 1983, dentro dum caixote do lixo onde vivi com os meus pais durante alguns anos, cheio de ratos e ratazanas. Depois, eles trouxeram para lá alguns gatos para matarem a bicharada.

Lembro-me de ir com o meu pai ao café e, às vezes, comprava-me lambarices. Mas quando não gostavam de mim, naquele tempo, eu fugia do contentor e dormia por lá, na rua.

Vim para a Casa do Gaiato de Paço de



Sousa com onze anos, em 14 de Outubro de 1994. A minha irmã foi para um colégio.

Agora, frequento a 4.ª classe e fora da escola ajudo na lenha, uma ocupação jeitosa, ao ar livre.

Não conto mais que me custa muito, pois tive uma vida que não desejo a ninguém.

Alexandre

Trabalho Infantil

Continuação da página 1

A história da nossa Obra regista muitos casos de exploração!

Mas são também muitos os casos em que a vontade deliberada de explorar está presente, quando não mesmo brutalmente expressa. Quantos não regista a história da nossa Obra! Rapazes que em pequeninos não tiveram ninguém, e ao atingirem idade que lhes confere «valor negocial», são descobertos e seduzidos por pais e parentes (até por estranhos!) e trocam um projecto em crescimento pelo não-projecto, característica de todas as formas de exploração.

Aqui é a área da Justiça Oficial que presume defender os menores, ao consagrar os direitos do sangue como referência absoluta, sem todavia lhe imputar deveres concomitantes nem sequer distinguir sangue *saudável* do *doente*, tantas vezes sem hipótese de cura. É uma mágoa que nos consome num horizonte sombrio de expectativa. Seria um rol de

amarguras que o mundo dos teóricos e dos técnicos não entende — que nos gabinetes elaboram-se ideias mas não se verte sangue e sem ele não se gera vida.

«Técnico é aquele que ama.» Ai que se o mundo que gasta horas e horas debruçado sobre este e outros complexos problemas que afectam o homem no seu íntimo, se embebesse do espírito que sopra da definição de Pai Américo, como seria fecundo o seu trabalho!

* * *

O problema existe de facto, mas nem o cerne dele é propriamente o trabalho se adequado à natureza e proporcionado à capacidade da criança; consiste, sim, na exploração dele, no atropelo da condição que pomos e, secundariamente, na competição que pode provocar num mercado de trabalho tantas vezes escasso. O problema começa, afinal, onde e quando se intrometem interesses alheios à formação do homem potencialmente vivente na criança, que se quer responsável, competente, autónomo — virtudes que não se improvisam nem brotam espontâneas como as ervas daninhas.

Escola de que Pai Américo fez a sua prática

Se não houvesse famílias impelidas por real necessidade de subsistência (defeito de Justiça Social), ou por vícios (defeito de Justiça Criminal), a recorrer à prestação monetária dos seus membros infantis, também não haveria empregadores tentados por esta alternativa de mão-de-obra. E então, na gratuidade, seria a Escola, sem complexos de problema, a exercitar desde já em trabalhos reais, imediatamente válidos, o engenho e a independência do homem de amanhã... a par das letras, das ciências e das artes, que obviamente lhe cumpre ministrar.

Esta é a Escola que Homens como António Sérgio e Faria de Vasconcelos preconizavam e este experimentou mesmo... mas na Bélgica, na Suíça, na América do Sul. Dela, de uma Escola assim, fez Pai Américo a sua prática.

Padre Carlos

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

conhecimentos. Se isto é assim verdade para os que fazem uma escolaridade dentro de um processo normal do desenvolvimento etário, torna-se uma catástrofe para as franjas mais pobres que, por variados motivos, não conseguem um desenvolvimento equilibrado entre os anos de escolaridade e desenvolvimento etário. Isto nada tem ainda a ver com a estrutura do sistema de Ensino, tem sobretudo a ver com os níveis de exigência de conhecimentos adquiridos. A experiência demonstra-nos cabalmente que um miúdo que vai passando sem ter conhecimentos suficientes é um aluno chamado à indisciplina no interior da sala de aula e à desistência na primeira oportunidade que se lhe oferece. Depois, nem conhecimentos nem escolaridade. Parte-se para a vida comple-

tamente privado das condições mínimas de entrada no mundo do trabalho... e ainda nos admiramos de tanta marginalidade.

Se eu pudesse intervir na actual estrutura do Ensino faria algumas coisas de forma um pouco diferentes. Aqui está em causa sobretudo a recuperação daqueles alunos que, vindos muitas vezes das franjas mais pobres e degradadas da sociedade, não são capazes de acompanhar o desenrolar do processo normal e, depois, chegam aos quinze, dezasseis e mais anos sem terem nada. O processo escolar com as suas uniformidades exclui e marginaliza.

Sérios são os problemas dos nossos jovens

O que eu teria a propor era o aparecimento de um Ensino Técnico-Profissional

rodeios perguntámos qual o motivo de toda aquela tristeza. De voz baixa, foi dizendo que a filha já não trabalha, está em casa, e quase não fala. Continua: «O que vai ser da minha vida!? Não posso andar... E o que ía eu fazer com a minha idade? Deus me acuda!» — exclama, vendo a imagem do Sagrado Coração de Jesus.

Começamos a ficar inquietos. A minha companhia olhava-me, pois não estamos habituados a ver a D. Conceição daquela maneira. A filha não estava. Há alturas em que as palavras pouco ajudam. Além da nossa visita, fomos alertá-la para as dificuldades e os compromissos que temos. Deixámos isso para outra altura...

A filha esperava por nós, junto ao carro. Disse que o patrão despediu os trabalhadores a prazo. Não havia serviço para todos. Perguntámos pela mãe que estava a sofrer

muito. «Eu não queria que ela se preocupasse. Por isso, esperei aqui. Ando à procura de trabalho. Já me prometeram arranjar umas horas.» Com voz trémula, disse o motivo de estar ali: «Não temos dinheiro para o fim do mês!...»

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — M. M., 10.000\$. Anónima, 5.000\$. Assinante 27527, 20.000\$: «Como não posso ficar indiferente perante tantas injustiças sociais, passo das palavras aos actos, enviando esta pequenina ajuda». Anónima, de Paço de Arcos, 20.000\$: «que o Senhor abençoe o vosso apostolado são os votos desta irmã em Cristo». Assinante 26731, dez mil escudos.

Bem haja pela ajuda que dão aos Pobres.

Adelaide e Zé Alves

bem desenvolvido logo a partir do fim do Ciclo Preparatório ou, como se diz, do 2.º Ciclo do Ensino Básico. Sete anos de escolaridade creio que são suficientes para ver se um aluno pode ou não prosseguir ainda mais três anos. O terceiro ciclo do Ensino Básico, com três anos, aparece demasiado longo para quem tem catorze, quinze ou dezasseis anos. É um esforço demasiado longo para se chegar ao fim e se ter um nada nas mãos quando não se prosseguem estudos. Com Escolas paralelas de cursos técnico-profissionais a partir do 7.º ano, teríamos, ao fim de três anos, jovens com alguma habilitação profissional e isso seria o grande incentivo para estarem na Escola e fazerem uma escolaridade de base.

Lembremos que não estou a pedir um Ensino de segunda, mas um Ensino sério como sérios são os problemas dos nossos jovens. Estou já a ver os puristas a dizer que proponho um sistema de selecção social precoce. O meu intento é bem diferente porque, se há sistema selectivo e marginalizador de alguns milhares de jovens é o sistema actual. Não só não integra como exclui precocemente e para toda a vida aqueles que não são capazes de seguir o esquema único.

Gostaria de um dia ainda assistir a esta reforma. Creio que nasceria muita esperança em jovens que actualmente olham para o sistema de ensino como o seu inimigo número um, porque não os deixa caminhar e com um lugar digno a que têm direito para a construção da nossa sociedade.

Padre Manuel Cristóvão

PENSAMENTO

Senhor do Céu, só a Humildade é grande! Ela foi na terra que pisamos a Vossa lição: «Humilhou-Se até à morte e morte de cruz».

PAI AMÉRICO

MALANJE dia-a-dia

7/4/96

ESTA Páscoa: O Senhor ressuscitou! Sempre actual e vivificante esta novidade de Deus. Fundamento e fonte de toda a nossa esperança. Como nascente, a sair da rocha, de água pura e inesgotável.

Novidade radical!

Vinho novo, odres novos!

Oferta de Deus aos homens!

Novo Povo!

O Reino!

Ao lado desta maior alegria, o Baptismo de 36 meninos. A nossa Aldeia ficou mais rica e cheia de graça.

8/4/96

O Nelo lançou sementes de flores nos espaços abertos da nossa Aldeia. Vieram as chuvas, elas germinaram e os botões abriram ao sol! Um jardim!

Com elas, as mãos da D. Maria do Céu fizeram do nosso altar de pedra uma beleza.

Foi feliz a nossa Páscoa!: Pela alegria dos rapazes na sua Comunhão e Baptismo; pela nova vida que Padre Kalembe deu aos cânticos; sobretudo, pela oportunidade que o Senhor nos dá de sermos Sua testemunha. Em todos os instantes e lugares levamos a notícia: Jesus vive no meio de nós, pensa em nós e ama-nos!

Sentirmos, dentro de nós, esta realidade palpitante e maravilhosa!

9/4/96

TUDO é tão belo e sinal de Deus!: As flores, os pássaros, a alegria esfusante das crianças! Neste momento,

porém, o espinho da fome do Povo ofusca os dias de calor. Muito pouco podemos fazer. Necessário e urgente uma mudança total das vontades e estruturas a nível nacional. Uma paz total que abra todos os caminhos e dê liberdade a este Povo fechado por mil fronteiras que estão fechando as portas ao pão, à esperança e à alegria. (Salmo 44, 24-25): «Acorda! Porque dormes, Senhor? Porque escondes a Tua face, esquecendo a nossa opressão e miséria?»

Talvez o Senhor espere que nós acorde-mos para Ele com o coração contrito e cheio de esperança.

10/4/96

O moço — trabalhador do campo — foi hoje, de boleia, para o Sumbi com a esposa e filhos.

Dois sacos e um luando era a sua bagagem! Demos alguma farinha — único merendeiro... Como é possível viver com tão pouco? A que extremo de carência está reduzido este Povo!

Nos bairros não há uma família que tenha o almoço do dia seguinte... No próprio dia há que escavar num canto qualquer uma refeição de miséria.

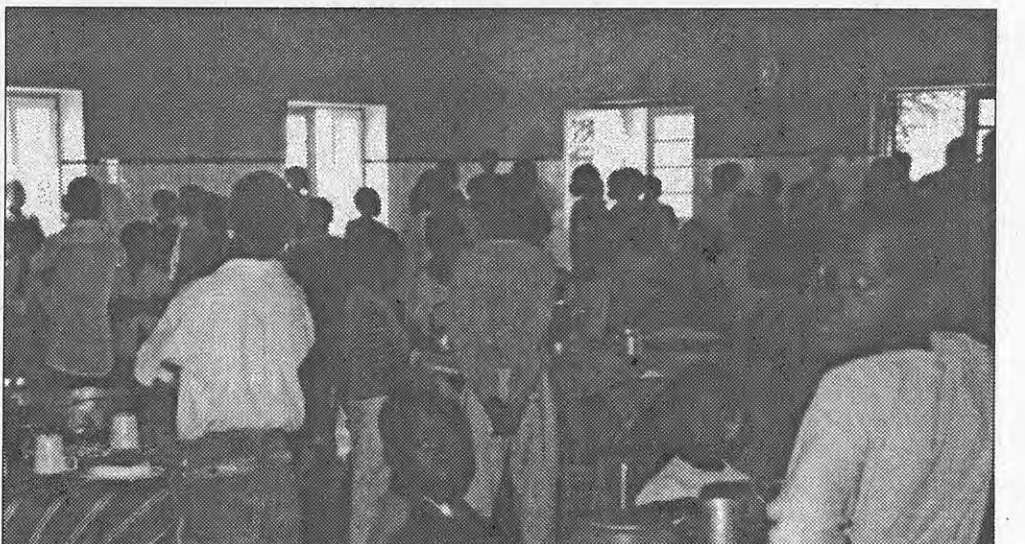
Petróleo, diamantes, um mar!, café, madeiras e terras férteis! Um grito angustioso e um clamor!:

— Sr. Padre este domingo pertence-me ir a passeio. Posso levar farinha aos meus irmãos, à minha avó?

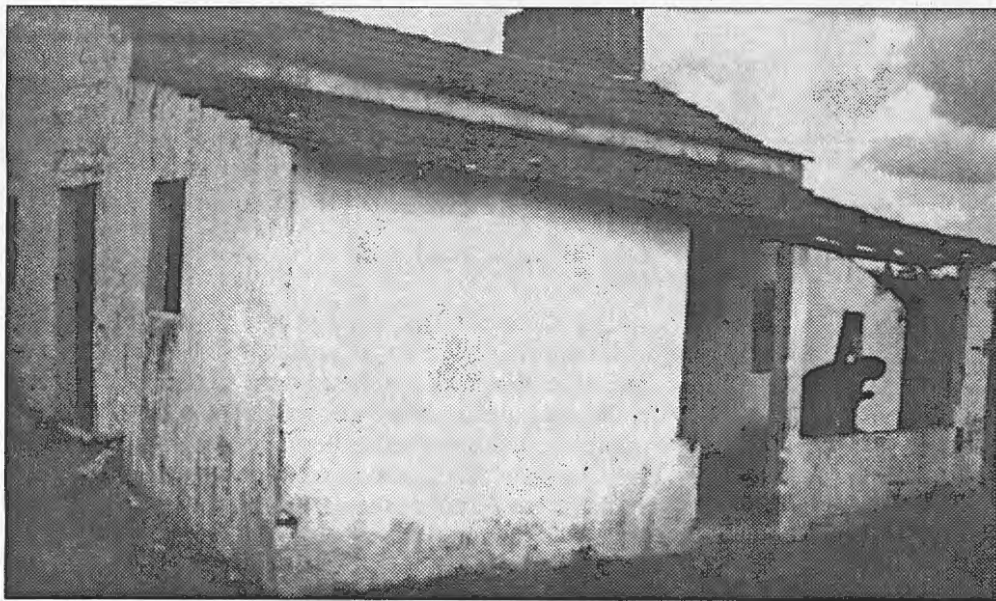
— Podes.

Gosto e aprovo este sentimento fraterno e fico pensativo ao sondar o abismo profundo desta miséria.

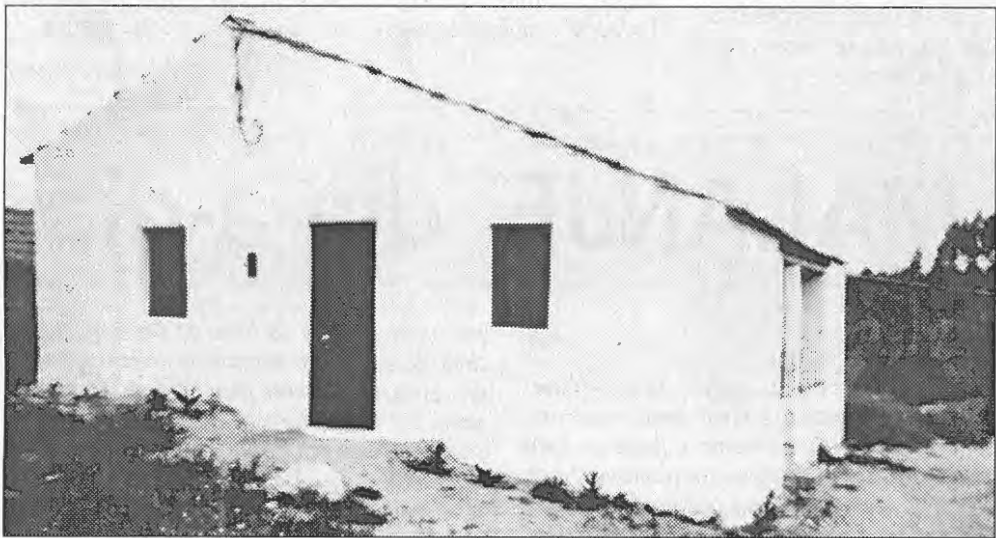
Padre Telmo



Refeitório de Malanje



Casebre de habitação miserável que era.
Casa pobre de habitação que é.



TRIBUNA DE COIMBRA

Um alijar de responsabilidades

CINCO pedidos, em menos de duas semanas. Não fui ainda ver nenhum, como é nosso costume. Temo ir. Às vezes, a realidade nua e crua é bem mais dolorosa do que o relato que a apresenta.

As histórias são diferentes, mas um fio comum as une: o abandono da família. Da progenitora, à mais próxima ou distante, encontramos com frequência uma demissão confrangedora, indiciando, à partida, uma grande ausência de valores que todos bem conhecemos. Fica-nos a sensação de que toda a gente quer é «despachar» o caso o mais rápido e melhor que puder, sem que sejam avaliadas as melhores possibilidades para a criança em questão. É também verdade que em muitos casos não se vislumbram grandes soluções a não ser o «internamento». Há relutâncias; o medo da natural evolução do rapaz e as rejeições possíveis deste, ao novo ambiente adoptivo; o conhecimento generalizado de experiências de acolhimento mal sucedidas, em muitos casos. Por outro lado, a situação altamente vantajosa, que se adivinha no «internamento» institucional, estas e outras razões levam as pessoas, familiares, a um alijar de responsabilidades para terceiros. É mais seguro e vantajoso.

É evidente que cada caso é um caso. Mas nós devemos estar sempre atentos a que se dê espaço em nossas Casas para os casos de maior e mais evidente abandono. Não somos um colégio nem casa de correcção. O Estado que as crie — como é sua obrigação.

Cinco casos

Queremos permanecer com este espírito de família, não obstante a nossa determinação em adaptar as melhores

condições para os filhos dos Pobres que nós adoptamos como nossos.

Destes cinco casos, um vem do meio rural marcado pela desertificação. O rapaz, criado por uma avó, tem já catorze anos. Não tem ninguém. É o único daquela pequena aldeia. A avó sofre já com a sua iniciada crise de adolescência. Não o segura. E nós? É uma idade difícil para acolher normas. Prometemos ao pároco que o apresenta, afritivamente, estudar a situação, ouvindo o próprio rapaz.

Mais dois. Meio rural, ainda, mas muito marcado por padrões de vida pagã. Fins-de-semana à grande, ordenados «estoiados» na «jogatana», álcool, vida fácil e os filhos é que as pagam. São informações de pessoa ligada à Igreja e que faz parte da Comissão de Protecção de Menores. Contudo, não conhece o caso pessoalmente. Não devia ser assim... Temos de lá ir os dois. Condoermos-nos. Só depois os tais papéis... Não despachar o assunto como se o «internamento» fosse a solução única a encontrar.

Mais outro, da Beira Litoral. Certo progresso traz a vida fácil, boltes e discotecas com fartura. Depois, o que todos sabemos e amargamente conhecemos debaixo dos nossos tectos.

O último pedido veio de Lisboa. Aí, nem vou ver. De Lisboa, aqui, já são uma colónia. Que resposta vamos dar? A da Família. A única, capaz de regenerar estes filhos para a felicidade. Fazê-los família nossa, de rejeitados que foram da sociedade.

Que o Senhor Juiz não me pergunte mais pelos bens de alguns de quem sou tutor. Não estamos na mesma onda. Mande quem vá, relacione e ponha a render, se os houver. Eles são o verdadeiro bem que a sociedade tantas vezes rejeita ou arquiva no ficheiro.

Padre João

Património dos Pobres

Mãe solteira com 25 anos e quatro filhos

CHAMARAM a nossa atenção para o viver daquela família. Mãe-viúva e filha com quatro crianças tendo um casebre miserável. A mãe-avó ali gerou, deu à luz e criou seis filhos. Hoje, ali continua a ajudar uma filha a criar os netos. Heroicidade!

O telhado estava a alagar com o madeiramento todo podre. Parte das telhas, partidas. Janelas de vidro nunca as teve e as de madeira sem funcionar. As paredes nunca foram caiadas. A chaminé muito rachada, ameaçando tombar. O chão com muitos buracos. À volta, um jardim com dejectos, pois não havia outro lugar...

Falámos a alguns familiares e amigos que deram as mãos. Mãos unidas, fomos à obra. No fim, contas feitas, somaram 405.000\$00 que passámos em cheque. Portas, janelas e louças foram de nossa Casa. Mais um prodígio feito por mãos dadas.

Agora ficou casa de habitação, embora pobre. Madeiramento do telhado, novo e tratado. As telhas limpas e muitas substituídas. Janelas pintadas e envidraçadas. Outras portas à medida e a funcionar. Também uma nova chaminé. Chão remendado e cimentado. Quarto de banho feito de raiz. Paredes rebocadas e caiadas de branco. Fez-se a instalação eléctrica e pediu-se a ligação à rede.

No último dia das obras a exclamação e o gesto de braços daquela mãe encheu-nos a alma e o coração: — *Agora, sim, já temos casa para viver!* Procurámos animar um pouco o viver daquela família, sobretudo a educação dos filhos. «*O mais velho anda na escola e os outros hão-de ir também. Quero os meus filhos todos baptizados.*»

Vamo-nos consciencializando mais em como a habitação é grande mola do viver duma família.

Viúva e mãe angustiada

Vive só, há doze anos. Pediu a nossa ajuda. Fomos ao seu encontro. Era um fim da tarde e acompanhava o Terço no pequenino rádio ligado à Renascença. Ambiente de paz.

Manca muito duma perna, há muito tempo. A outra, doente. Arteriosclerose. Mostrou parte do telhado já caído. Vive da pequenina reforma. Não tem posses para obras, e contou mais desgraças. Ouvimos e dissemos que se pusesse em contacto com o pároco da freguesia. Despedimo-nos com uma palavra de esperança.

Passados dois dias, o correio trouxe uma carta do pároco conhecedor da situação. Mulher de confiança e necessitada de ajuda. Nesse mesmo dia o correio levou a nossa resposta. Não há tempo a perder, sobretudo quando há aflições e estão à nossa espera.

Padre Horácio

BENGUELA

Duas notícias

A mesma mensagem por caminhos diferentes

1 O trabalho é elemento importante na dinâmica do nosso viver diário: fazer tudo o que pudermos e esperar o resto, que é sempre mais, em quantidade. Tem sido assim, desde o início.

Logo que chegámos, quisemos pôr vida em estruturas que estavam mortas, para delas tirarmos, a seu tempo, o nosso sustento do dia-a-dia. Estou a referir-me, agora, às pocilgas que podem guardar mais duma centena de suínos. Encontrámo-las vazias, mas de pé, que a construção foi feita para resistir à desgraça do tempo passado.

Esta estrutura, noutro tempo, foi o nosso talho caseiro, aonde famos pela carne de porco sempre que dela precisávamos. Daí a grande importância para a economia e dieta da nossa Casa. Agora, ao começarmos, pusemos nela, de novo, o olhar cheio de interesse e muita esperança. Pessoas amigas, vizinhas da Casa, deram-nos a mão e começaram a enchê-las de vida. Foi há três anos. Desde então, cresceu de tal modo que, hoje, o feijão que comemos diariamente com farinha de milho (pirão), já levava carne de porco à mistura. Era o fruto saboroso da sementeira de há três anos.

Há muito tempo que não conhecíamos outra fonte. Poupámos milhões e tínhamos o necessário.

Ontem, enterrámos o último porco. Em pouco mais duma semana, a peste suína destruiu por completo cerca duma centena. De novo, o vazio. As pessoas que cuidavam das pocilgas com muito cuidado... também choraram.

É uma história verdadeira. Quero partilhá-la convosco, pelo impacto que tem em nossa vida. Sei que nos acompanhais. O Pai do Céu que está sempre connosco, em sua Providência, permite que as leis da Natureza sigam o seu curso. Por vezes aperta-nos o pescoço, mas não mata nunca. Aviva a nossa fé. Põe-nos no caminho da humildade. Ele dá tudo e tudo pode tirar, para nos dar sempre muito mais. Esta é a Esperança em que queremos assentar a nossa vida. O Seu amor nunca falha. A semente nova já está preparada. Bendito seja Deus!, que em Sua pedagogia sabe tirar proveito de tudo o que acontece aos seus filhos, desde que não vacilem no seu amor para com Ele. A vida precisa de purificação constante para dar mais frutos.

2 A outra notícia traz a mesma mensagem de amor, por caminhos

diferentes. Falo, agora, dos nossos doentes. Enchem, regularmente, a enfermaria com paludismo. Entre eles, um nos deixou deveras preocupados, a ponto de necessitar duma operação urgente. Era o Celestino Pena. Demos os primeiros passos a saber do cirurgião, com muito receio de não termos o material necessário para a operação, embora simples. Naquela manhã de domingo tudo ficou resolvido num instante. Passámos pelo Hospital Central e não havia médico. Informámo-nos do suficiente para ir à residência dum operador russo que nos acolheu com muita afabilidade. Expusemos a nossa aflicção. Foi preciso pouco tempo. Preparou-se, era a sua hora de descanso, e veio connosco a Casa ver o doente. Ali mesmo decidiu levá-lo para o Hospital.

— Mas, senhor Doutor, que é preciso para a operação?

— *Nada, tenho tudo!*

Louvado seja Deus que, na Sua Providência, encaminha os acontecimentos para bem dos seus filhos.

O Pena, à hora em que escrevo, está em nossa Casa a recuperar normalmente.

São duas histórias reais da nossa vida que quero partilhar convosco para que estejais muito pertinho da nossa alegria.

Padre Manuel António